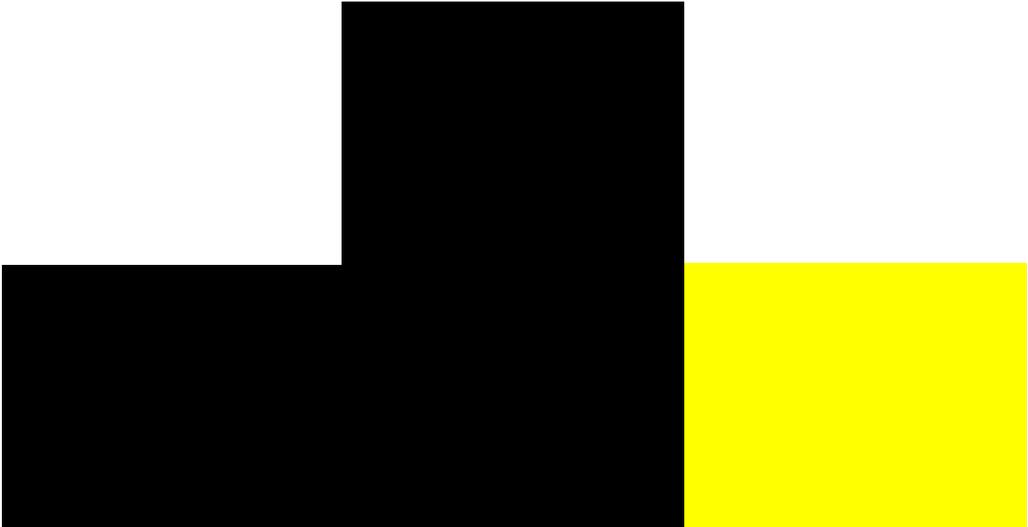
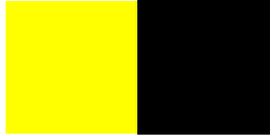


Guanabara, imensidão e abismo: contradições e convergências

Kauê Marcos Pereira da Silva

Formado em Desenho Industrial (UFF), mestre em Design (ESDI/UERJ) e Doutorando em Design (ESDI/UERJ). Tem interesse em Arte, Design e Antropologia.





Resumo: Neste texto, a imensidão e o abismo da Baía de Guanabara se fazem presentes através de experimentos e descrições*. Diante desse contexto, em primeiro momento apresento a baía a partir de um relato de minha experiência nos seus entornos. Ao observar a Guanabara, percebo manchas do Antropoceno numa baía repleta de descartes que flutuam em suas águas, colaborando para destruir sua habitabilidade. Desse modo, coletei imagens e coisas descartadas, descrevo as coletas para produzir sentidos sobre os terrores que observo na Baía de Guanabara no Antropoceno.

Palavras-chave: Baía de Guanabara. Antropoceno. Arte. Design. Descartes. Atlas feral.

Abstract: In this text, the vastness and abyss of Guanabara Bay are shown through experiments and descriptions. Given this context, I first present the bay based on a report of my experience in its surroundings. When I looked at Guanabara, I noticed patches of the Anthropocene in a bay full of waste floating in its waters, helping to destroy its habitability. Thus, I collect images and discarded things, describing them in order to make sense of the terrors I noticed in Guanabara Bay during the Anthropocene.

Key-words: Guanabara Bay. Anthropocene. Art. Design. Waste. Feral Atlas.

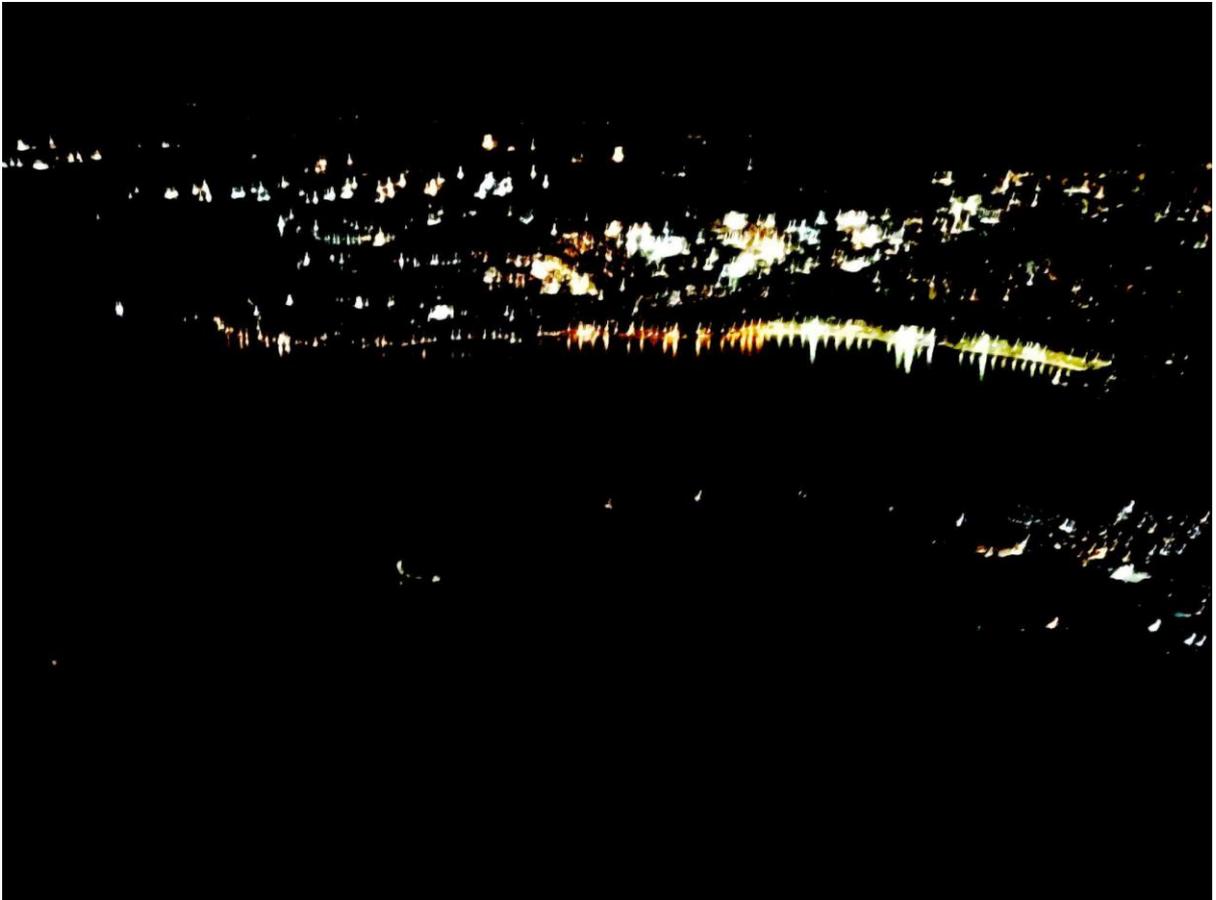
* Este texto compõe o primeiro capítulo da dissertação intitulada *Guanabara, imensidão e abismo: histórias das coletas, cartas e descartes* que será publicada integralmente em breve na Rede Sirius.

1 Imensidão e abismo

A Baía de Guanabara é a primeira memória que tenho do Rio de Janeiro.

Já era noite quando chegava na cidade pela primeira vez. Conforme o destino se aproximava, as luzes da cidade ficavam cada vez mais reluzentes. Lembro da primeira vez que vislumbrei a imensidão da baía: estava sentado na janela do avião; no horizonte: via luzes, no nadir: via a escuridão. Parecia que eu estava na beira de um abismo, o contraste entre a baía escura e a cidade iluminada causava essa impressão (Fotografia 1).

Fotografia 1 – *Guanabara, abismo.*



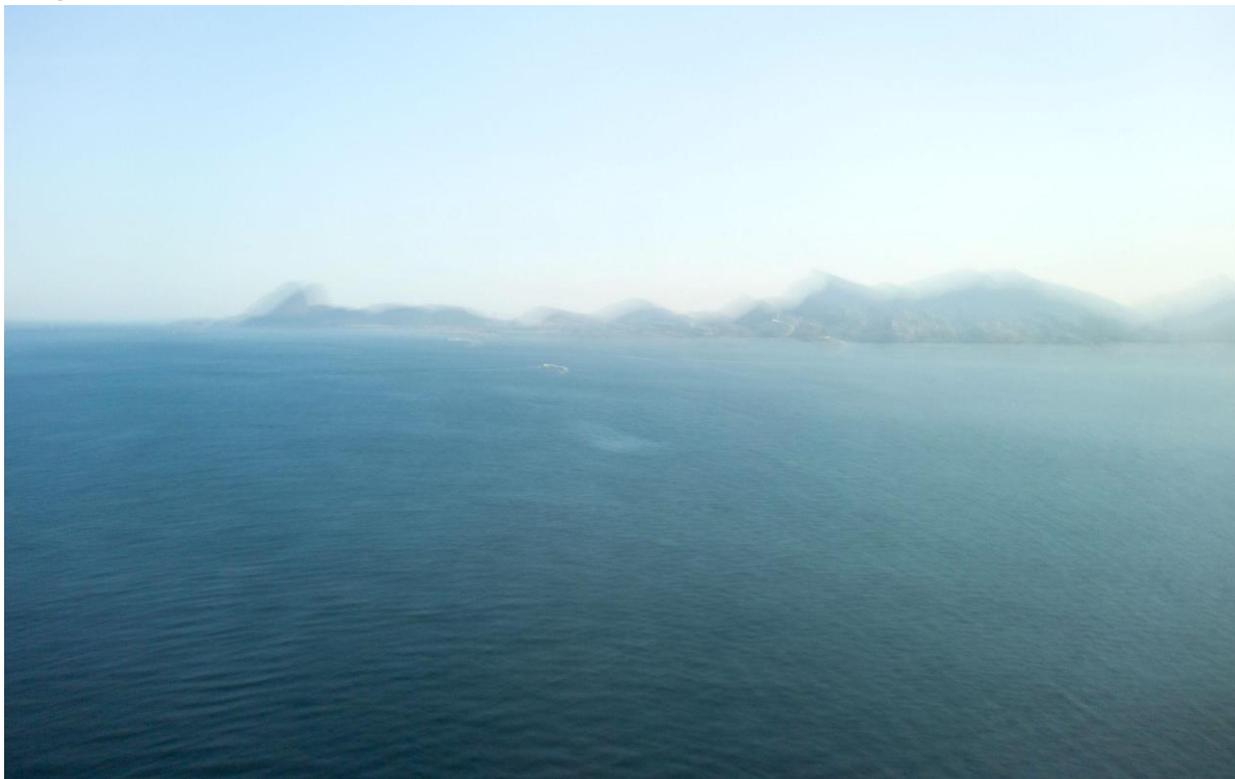
Fonte: Do autor, 2022.

Acima das luzes douradas o céu escuro, a massa de luzes o continente, abaixo delas a Guanabara escura contornada pelas luzes da cidade. No meio da baía, ilhas e embarcações iluminadas. Essas imagens surgem quase como um sonho.

Já é dia, desperto!

Ao abrir os olhos: o horizonte se estende diante dos olhos:

Fotografia 2 – Guanabara, imensidão.



Fonte: Do autor, 2023.

A luz penetra a retina deixando a visão turva. O horizonte se impõe diante dos olhos. As águas azuis escuras, o continente azulado e o céu azul claro, todos borrados numa fotografia tirada de dentro do ônibus durante a travessia da ponte que liga a cidade do Rio de Janeiro a de Niterói.

A profundidade do abismo, a largura da imensidão. O contraste entre a noite escura iluminada pelas luzes da cidade (Fotografia 1) e o dia iluminado pelo sol (Fotografia 2). Mergulho, caminho, observo o mar, a areia, as pedras e montanhas, contemplo.

Nessas fotografias há uma certa deslocalização. Uma imagem em longa exposição, outra com edição, as duas em movimento evocam uma baía em constantes transformações.

2 Contradições e convergências

Me posiciono diante de uma paisagem em transformação com uma bolsa no ombro, um caderno e um lápis na bolsa e uma câmera na mão coletando registros.

No documentário *Os catadores e eu*, Agnès Varda diz que “em sentido figurado, coletar é uma atividade mental. Coletar fatos, ações, coletar informações. Para mim, que tenho uma memória fraca, são as coisas que recolho que resumem” as caminhadas que faço. Como também tenho uma memória fraca, levo sempre comigo uma bolsa, um caderno, um lápis e uma câmera para guardar registros.

Esse exercício de observação da paisagem envolve caminhar, observar, coletar, experimentar e escrever. “Nesta coleta de imagens, de impressões, de emoções, não há legislação” (Varda, 2000). Há o acaso. Há a desordem das coisas.

Ao longo dessas coletas, outras imagens da baía me fizeram pensar em outros sentidos para a imensidão e o abismo que atravessam minha percepção. Por trás do marulho das ondas e dos pássaros, um pulsar, um barulho grave e ritmado. Sons distantes, sons presentes, sons contínuos, sons curtos, barulho de máquinas, pássaros. Me posiciono diante da baía: percebo um território aquático permeado por toda sorte de objetos, ou, um território permeado por toda sorte de coisas.

Fotografia 3 – *Guanabara no Antropoceno.*



Fonte: Do autor, 2023.

Projetos de exploração da baía provocam cenas como essa: em um domingo de sol, na Praia da Boa Viagem, em Niterói, uma criança brinca em meio ao lixo (Fotografia 3). Essa é uma paisagem manchada pela presença de coisas: e esse é o Antropoceno, definido por Anna L. Tsing como uma “época em que a perturbação humana supera outras forças geológicas” (p. 19, 2015). Nossos descartes atravessam a paisagem.

De acordo com o estudo de Bernardino e Franz (2016), nos últimos 50 anos o consumo de materiais sintéticos aumentou significativamente. A grande produção de objetos e embalagens utilizando esses materiais, atrelada ao consumismo, gera resíduos que podem causar sérios impactos negativos para a natureza. Somado a isso, o crescimento urbano desordenado pode contribuir para a precariedade dos serviços de saneamento básico.

Rodeada por 16 municípios, na baía deságuam 50 rios e riachos e é principalmente através deles que chegam também muitos dos resíduos sólidos na baía. Desses rios e riachos, grande parte deles se transformou em valas de lixo e esgoto.

Do outro lado dessa mesma praia, poucos metros de distância separam a menina que brinca com os descartes destas pessoas que se banham e se divertem aproveitando o domingo de sol estiradas na beira do outro lado da Praia da Boa Viagem (Fotografia 4).

Fotografia 4 – Guanabara num domingo de sol.



Fonte: Do autor, 2023.

Um lado da Praia da Boa Viagem está repleto de lixos: plásticos, isopores, espumas, tecidos, vidros, papéis, metais, coisas sem muitos contornos ou definições, coisas nas águas, areias e entornos; enquanto o outro lado da praia está repleto de gente: cadeiras de praia, guarda sol, isopores com gelo e cerveja, bonés, Guaravitas, Biscoitos Globo, bóias, sungas, biquínis, maiôs, camisetas de times de futebol, cangas, chinelos

Havaianas, óculos de sol, crianças, idosos, adultos, objetos com contornos muito mais claros.

Cenas como essa apresentam o Antropoceno em suas contradições e em suas convergências, cenas muito distintas que acontecem lado a lado na mesma praia, em simultâneo, no mesmo dia e quase ao mesmo instante.

Uma paisagem que pode se reconfigurar de diversas formas, se configurar repleta de gente e também de lixos, mas também de muitas outras coisas.

3 Uma especulação

As coisas descartadas nas águas moldam a ideia que temos da paisagem. Se a atividade humana contribui para a configuração da paisagem da Guanabara, minha própria ação pode ser usada para delinear-la de outro modo.

Assim como no primeiro capítulo, descrever a entrada na Baía de Guanabara foi também a ocupação de muitos viajantes que chegaram ao Rio de Janeiro em séculos passados. Diferentemente da paisagem que avistei pela primeira vez, composta pela escuridão, luzes da cidade e as águas da Baía de Guanabara, essa paisagem já pode em outras épocas ser descrita simplesmente pelos seus morros, mangues, ilhas, pedras, árvores, águas, etc.

Fotografia 5 – *Vista da Baía de Guanabara a partir de Niterói em 1911.*



Fonte: Anônimo; Acervo IMS, 1911.

Essa paisagem (Fotografia 5) talvez guarde alguma semelhança visual com as paisagens descritas em séculos passados: uma Baía de Guanabara composta por morros, vegetação, pedras e água. Uma fotografia de uma fotografia preto e branco revelada que guarda marcas do tempo. Uma Guanabara que também guarda marcas do tempo.

4 A baía e suas infraestruturas

O termo infraestrutura é utilizado por Anna L. Tsing para se referir a “projetos que alteram a terra, a água e a atmosfera”. É um tipo de “projeto material de transformação da paisagem” (2021, p. 179). Nesse sentido, podemos dizer que a Baía de Guanabara é composta também por infraestruturas: projetos materiais que alteram a paisagem. A paisagem da Baía de Guanabara é marcada pelas intervenções históricas (Fotografia 6). Sendo assim, uma paisagem urbana, composta por construções, plataformas de petróleo, navios, barcos, barcas, morros, vegetação, pedras, ilhas, águas.

Fotografia 6 – *Baía de Guanabara*.



Fonte: Ribeiro, 2012.

Ao longo desses anos no estado do Rio de Janeiro, morei em Niterói por sete anos; morei na Ilha de Paquetá, na cidade do Rio de Janeiro, por quatro anos; depois retornei para Niterói. Nesses anos, meu entorno foi permeado pelas paisagens da baía. Primeiro com uma vista de fora para dentro, das bordas para dentro da baía. Depois morando em uma ilha contida no meio da Guanabara, com uma vista de dentro para fora, do meio para suas bordas.

Parte desta pesquisa foi realizada em Paquetá, outra em Niterói.

Em Niterói encontrei alguns refúgios em meio ao caos de uma grande cidade com mais ou menos meio milhão de pessoas, rodeada por morros, vegetação, pedras, águas da Guanabara, por ruas, asfalto, calçadas, postes, fios, construções, máquinas.

Do Museu de Arte Contemporânea de Niterói, é possível observar a entrada e saída da Baía de Guanabara, de um lado a Fortaleza de Santa Cruz da Barra, em Niterói, do outro a Fortaleza de São João, no Rio de Janeiro (Fotografia 7). Niterói na barra oriental, de um lado. Do outro, o Rio de Janeiro na barra ocidental.

Fotografia 7 – *Entrada ou saída da Baía de Guanabara.*



Fonte: Do autor, 2023.

De Niterói ao Rio. Do Rio a Niterói.

Fotografia 8 – *Baía de Guanabara vista da barca.*



Fonte: Do autor, 2023.

Ao fundo da baía (Figura 8), fica a Ilha de Paquetá, onde morei ao longo dos anos de 2017 e 2021. O período coincidiu com o isolamento social da pandemia de Covid-19 em 2020 e 2021. Em meio ao distanciamento físico de todos os amigos, colegas, professores, familiares, encontrei uma companheira, a Guanabara. Nela me refugiei e, nos fins de tarde, caminhei sozinho pelas praias, assisti ao pôr do sol e ao nascer da lua. Fiz caminhadas confortantes em um momento revoltado, em que tive a oportunidade de ouvir o mar, os pássaros, de sentir a brisa e o cheiro do mar.

Uma ilha na cidade do Rio de Janeiro, uma ilha na Baía de Guanabara (Fotografias 9 e 10). Paquetá guarda a tranquilidade de uma cidade pequena, mesmo sendo localizada em uma cidade grande como o Rio de Janeiro. As ruas são de terra. Dos poucos prédios que lá existem, todos são baixos, com no máximo três andares. Lá vivem cerca de 2 mil pessoas. O meio de transporte mais popular são as bicicletas.

Fotografia 9 – *Ilha de Paquetá, vista da Ponte da Saudade, lado Praia da Moreninha.*



Fonte: Do autor, 2021.

Fotografia 10 – *Ilha de Paquetá, vista da Ponte da Saudade, lado Parque Darke de Mattos.*



Fonte: Do autor, 2021.

Ao longo desses anos, assistir o pôr do sol, o céu, as estrelas, planetas e a lua se tornou uma atividade corriqueira ao lado da companheira Guanabara. Vigiar o céu, as estrelas, a lua, as marés se transformou em fonte de encantamento.

É curioso perceber que uma imagem que à primeira vista produziu medo e

excitação, medo diante da chegada em uma cidade nova, excitação diante do desconhecido, ainda continua a provocar essas mesmas sensações. Excitação com a imensidão, medo do abismo.

5 Como responder aos terrores do Antropoceno?

Projetos coloniais, imperiais e industriais de exploração da Baía de Guanabara provocam cenas como a da Fotografia 3: em um domingo de sol, uma criança brinca na Praia da Boa Viagem rodeada por descartes. Diante de cenas como essa Anna Lowenhaupt Tsing indaga: “Como um antropólogo poderia responder a esses terrores?” (Tsing, 2021, p. 177). Um questionamento que me leva a outro: Como um designer poderia responder a esses terrores? Ou ainda: Como um artista poderia responder a esses terrores?

Para começar a dar pistas de como os antropólogos poderiam responder aos terrores do antropoceno, ela defende uma melhor descrição de seus fragmentos e manchas (*patches*). Se pensarmos no Antropoceno, ele pode ser considerado *patchy*, termo que pode ser traduzido como irregular, desigual, inconsistente, variável, malhado. Como modo de produzir essas melhores descrições deste tempo, precisamos descrever seus *patches* (manchas ou fragmentos). “Uma ‘mancha’ é uma composição diferenciada de espécies e condições ecológicas; é parte de uma ‘paisagem’ heterogênea” (Tsing, 2021, p. 178).

Essa melhor descrição do Antropoceno tem como base a pesquisa de campo. Para Tsing a criatividade humana pode assumir um papel fundamental, especialmente a de quem nunca teve reconhecimento pelas suas habilidades. Utilizando essas habilidades, evitando ser envolvido por histórias paralisantes, “como podemos contar histórias sobre dilemas de relevância local e contá-las de modo tão atraente que os leitores desejem aprender mais, ainda que aprendam sobre os terrores?” (2021, p. 177).

No *Atlas Feral*, a criatividade de cientistas, acadêmicos, artistas e escritores é convocada para contar “as aventuras dos colaboradores não humanos do Antropoceno”

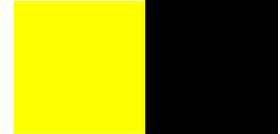
(Tsing, 2021, p. 177). Nesse contexto, o termo “colaborador” é utilizado para falar sobre seres (tanto vivos quanto não vivos) que estão em larga medida contribuindo para a destruir a habitabilidade da Terra ao se envolverem em projetos coloniais, imperiais e industriais.

O conceito de “feral” pode ajudar a entender a relação entre organismos e entidades não vivas e as infraestruturas. O termo serve para descrever o impacto que organismos e entidades não vivas têm nas infraestruturas. Inspirado na palavra da língua inglesa *feral*, utilizada para designar animais que escaparam da domesticação, o uso do termo é expandido para destacar como seres vivos e não vivos podem ganhar novos poderes por meio de sua associação com projetos modificadores da terra, água e atmosfera. O termo enfatiza a interação entre a natureza e os projetos humanos e as consequências que elas têm no meio ambiente. Portanto, o conceito de feral pode servir para compreender a relação entre os descartes e a Baía de Guanabara.

O Antropoceno nos faz tanto como o fazemos. Nossa conexão com ele é feita através das infraestruturas que compõem a paisagem. “Se quisermos trabalhar com intimidades emocionais, é melhor perguntarmos sobre investimentos pessoais nessas estruturas da paisagem” (Tsing, 2021, p. 184). É preciso estar envolvido com as estruturas da paisagem. Nesse sentido, ao longo dos anos venho construindo um envolvimento com a Guanabara. Um envolvimento também comprometido com perceber os sinais que a Guanabara coloca diante de mim para falar sobre o Antropoceno.

Gostaria de contar histórias bonitas, uma vez que minha experiência no entorno da baía vem sendo permeada também por momentos especiais. Através de minha experiência pessoal, experiência enquanto designer, pesquisador e artista descrevo as coisas que encontro nas bordas da baía. Assim descrevo as coisas que consigo observar e as coisas que gostaria de mostrar: as belezas e ainda assim os terrores.

Essa relação com a Guanabara que venho construindo ao longo dos anos me convoca a ser interlocutor das aventuras dos colaboradores não-humanos que encontro fazendo parte dessa paisagem. Para além da relação entre humanos e natureza, a baía é também permeada pelas relações com esses colaboradores não-humanos do



Antropoceno: os descartes. Portanto, cultivo uma relação com a Guanabara e também com as coisas descartadas nela.

Tsing ainda alerta que as narrativas de “progresso”, atreladas à ideologia modernista, nos impedem de observar o que está à nossa volta no agora. O antropoceno nos lembra que isso já não nos serve mais, pois “precisamos prestar atenção às temporalidades de muitos tipos de seres; eles estão fazendo história, assim como nós” (2021, p.185). São camadas de tempo diversas que coexistem no tão conhecido “progresso”. Presto atenção às temporalidades dos descartes.

“Desenvolvemos hábitos de considerar outros seres como estáticos, presos no mesmo espaço atemporal que o primitivo. Imaginamos que eles também estão fora do progresso e, portanto, sem tempo e história” (Tsing, 2021, p. 185). Os descartes na Baía de Guanabara existem em simultâneo às belas paisagens. Eles são lavados, levados pelas ondas, saem de lugares inimagináveis para ocupar as águas e as praias. Enquanto eles marcam o Antropoceno, são também suas marcas. Na verdade, eles pertencem ao nosso tempo e estão fazendo sua própria história. Uma história de um tempo de terrores ambientais.

Assim, escrever sobre a Guanabara do Antropoceno nos mostra um processo de descrição da paisagem que não é “nem um processo único, nem mundos diferentes desconectados; trata-se da produção ativa de mundos com muitos atores. Isso é o Antropoceno: fragmentado e planetário” (Tsing, 2021, p. 189). E essa é só uma perspectiva das muitas possíveis, uma perspectiva poética e sensível sobre a baía e seus descartes.

Portanto, proponho responder aos terrores do Antropoceno na Baía de Guanabara através de uma perspectiva envolvida com suas belezas e também seus terrores. Para isso, apresento também uma perspectiva criativa que ao se ver diante da imensidão e do abismo não se vê paralisada, mas sim se vê tomada pelo ímpeto de experimentar com os descartes. Desse modo, esse texto reflete sobre a paisagem da Guanabara e suas infraestruturas, com especial atenção às manchas provocadas pelos descartes. Pensar o Antropoceno, pensar em seus colaboradores, até mesmo os não-humanos, nos coloca diante de uma perspectiva que considera suas belezas e também seus

terrores.

6 A coleta do acetato

Segunda-feira, dia 29 de março de 2021, por volta das 18 horas.

Praia dos Tamoios, Ilha de Paquetá.

O dia já anoitece. É noite de lua cheia. Maré sobe.

É quase hora da lua nascer.

Antes da lua nascer, a escuridão plena, depois o clarão da lua.

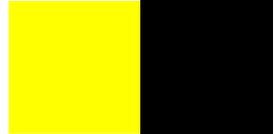
Caminho até uma pedra em que é possível observar as margens do continente.

Uma pedra na Ilha de Paquetá. Uma ilha na Baía de Guanabara.

Na margem do continente, é possível avistar os manguezais da Área de Proteção Ambiental de Guapi-Mirim, o pedaço mais preservado da baía. Essa reserva guarda talvez alguma semelhança com aquela paisagem descrita pelos viajantes de séculos passados que chegaram na baía.

Ao lado da pedra, uma grande folha de acetato de formato irregular descartada. Uma folha de acetato brilhante, suja de areia e muito barulhenta. Uma folha que chegou ao lado dessa pedra através do mar. Pego esse objeto. Enrolo. Levo debaixo do braço até o alto da pedra comigo. Repouso o acetato na pedra. Ele se desenrola. Sento ao seu lado.

Olho em frente:



Fotografia 11 – *Guanabara, imensidão e abismo II.*



Fonte: Do autor, 2021.

Novamente, a imensidão e o abismo da Guanabara.

Posicionei o acetato na frente da câmera como um filtro. Experimentei com a câmera, experimentei com o acetato. Registro a lua nesse instante em fotografia de longa exposição através do acetato (Fotografia 11).

A lua dourada, o céu escuro, o mar escuro, a lua dourada refletida no mar.

Essa fotografia lembra aquela tirada da janela do avião (Fotografia 1).

A escuridão.

As luzes da cidade.

A luz da lua.

Estória sem final

REFERÊNCIAS

ANÔNIMO; ACERVO IMS. **Vista da Baía de Guanabara a partir de Niterói**. 1911. Disponível em: <<https://acervos.ims.com.br/portals/#/detailpage/80373>>. Acesso em: 8 fev. 2023.

BERNARDINO, D.; FRANZ, B. **Lixo flutuante na Baía de Guanabara**: passado, presente e perspectivas para o futuro. *Desenvolvimento e Meio-ambiente*, v. 38, p. 231-252, 2016.

LES GLANEURS ET LA GLANEUSE. Direção: Agnès Varda. Produção de Ciné Tamaris. França. Ciné-Tamaris, 2000. Disponível em: <https://www.facebook.com/oscatadoreseeu/videos/1333916976681688>. Acesso em: 02 ago. 2023.

RIBEIRO, V. **Vista aérea da Baía de Guanabara 02**. 2012. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Vista_a%C3%A9rea_da_Baia_de_Guanabara_02.JPG>. Acesso em: 16 de fev. 2023.

TSING, A. **The Mushroom at the End of the World**: On the Possibility of Life in Capitalist Ruins. New Jersey: Princeton University Press, 2015.

TSING, A. **O Antropoceno mais que Humano**. *Ilha – Revista de Antropologia*, v. 23, n. 1, p. 176-191, 2021.